

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO  
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL  
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE  
**JOSÉ FERNANDO  
PACHECO COIMBRA**

Registada em 22/10/2009 por  
ANA CRUZ E JENNY CAMPOS

# FICHA TÉCNICA

**Editor:**

TRENMO Engenharia S.A.  
Sítios e Memórias

**Fotografia:**

Armando Afonso

**Coordenação:**

Jenny Campos  
Liliana Monteiro

**Revisão:**

Jenny Campos  
Liliana Monteiro

**Editores:**

Ana Cruz  
Cláudia Simões  
Jenny Campos  
Joana Ribeiro  
Liliana Monteiro  
Marlene Andrade  
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Ascendência: José Pinheiro Coimbra e Ana da Rocha Pacheco
- 05 Educação: *"Fui criado entre a minha madrinha e a minha mãe"*  
*"Não foram só faltas de jogar à bola"*  
Temor a Deus  
*"Eu a dançar e a sacudir as moscas"*  
*"Lá inventei uma desculpa"*
- 08 Casamento: *"Desisti de me queixar"*
- 08 Descendência: *"Quando eram mais novinhas vinham ajudar"*
- 09 Percurso profissional: *"Logo nos primeiros tempos levei um estalo"*  
*"Pus o embrulho a fazer de baliza"*  
*"A minha vingança pessoal"*  
*"Dei o salto"*  
*"Abri outra casa"*
- 13 Sonhos: *"O meu sonho era ser empregado de escritório"*
- 14 Rua: *"Era uma rua fantástica"*
- 15 Animação: *"Já foi uma coisa revolucionária naquela altura"*  
Propostas de melhoramento  
*"A animação devia ser todos os dias"*
- 17 Loja: Magic Moda Jovem  
O presente e o futuro
- 18 Clientes: Clientes muito diferentes  
*"Este é maluco"*  
*"A malta é toda estrangeira"*
- 21 Avaliação: *"Ar fresco"*

## JOSÉ FERNANDO PACHECO COIMBRA



José Coimbra (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

## Mini Biografia

José Fernando Pacheco Coimbra nasceu a 22 de Março de 1939 no Porto.

Os pais chamavam-se José Pinheiro Coimbra e Ana da Rocha Pacheco mas, após a morte do pai, foi a madrinha e tia quem o criou.

Da sua juventude recorda as idas ao cinema com os amigos e as festas para onde ia dançar com as raparigas. Eram tempos eram difíceis *“não tinha dinheiro para o fixador e um dia qualquer pus água com açúcar no cabelo. E ficava porreiro. O pior era a dançar ao ar livre, com as moscas, era eu a dançar e a sacudir as moscas.”* Trabalha desde os 11 anos no comércio e actualmente é o proprietário da Magic Moda Jovem, no passado conhecida por Fogueira das Meias

## Ascendência

### ***José Pinheiro Coimbra e Ana da Rocha Pacheco***

O meu pai chamava-se José Pinheiro Coimbra. Era natural de S. Gião, Oliveira de Hospital. A minha mãe chamava-se Ana da Rocha Pacheco e era de Paredes.

O meu pai era marceneiro. Tinha a especialidade em restauros. A minha mãe era doméstica. Sei que era para nascer em Braga, mas o meu pai e a minha mãe exigiram que a cegonha viesse para o Porto porque ele estava, nessa altura, a fazer o restauro da Sé de Braga.

Havia uma rivalidade entre a minha mãe e a minha madrinha que também era minha tia. A minha mãe após a morte do meu pai esteve cerca de um ano no hospital. Fiquei com a minha madrinha. Mas a minha mãe não gostava. Não queria perder-me talvez...

Tive um irmão que morreu com poucos meses e outro que morreu com 2 ou 3 anos. Portanto já lá vão muitos anos. Não os conheci se fossem vivos eram mais velhos que eu.

## Educação

### ***"Fui criado entre a minha madrinha e a minha mãe"***

Da infância pouco me lembro. O meu pai faleceu quando eu tinha 5 anos. A minha infância passei entre os meus tios, a minha madrinha e tia e o outro meu tio paterno que tinha a esposa que trabalhava numa casa de penhorista na rua de Antero Quental. Eu lembro-me ainda da guerra. Em 1944 lembro-me que a minha mãe morava ao fundo da Rua da Constituição. E lembro-me da Guerra porque os aviões passavam baixo e os vidros estavam todos com fitas para as janelas não partirem. Lembro-me desses bombardeiros passarem e eu pela rua abaixo a correr

para chegar ao destino que era a casa da minha mãe. Lembro-me também com 5 anos ainda do meu pai. Lembro-me de me dar um brinquedo. E não tenho mais imagem nenhuma, do meu pai. Tenho as fotografias.

Fui criado entre a minha madrinha e a minha mãe. Quando a minha madrinha ficou viúva voltei a conhecer uma nova família. O meu tio era alfaiate e era guarda-freio da Carris. Guarda-freios são aqueles que conduzem os eléctricos. Usava só fatos castanhos e eu tinha um horror à cor, não podia com o fato castanho. Ele virava os fatos dele do avesso para fazer fatos para mim. Então eu tinha sempre fatos castanhos. Desde os 12 ou 13 anos até aos 19. E como o fato era virado o bolso ficava do lado contrário.

## ***"Não foram só faltas de jogar à bola"***

Quando o meu pai faleceu a minha madrinha e tia foi a minha segunda mãe. Era irmã do meu pai. Era enfermeira no Hospital Santo António tal com o meu tio e padrinho. Eu vinha sempre logo de manhã cedinho com eles. Ia ao Piolho tomar o café e depois ia para o Hospital Santo António fazer horas para vir para a escola que era em São Bento da Vitória. Era uma escola que penso que já não existe. Chamava-se Videirinhas. É curioso que ainda me lembro de algumas coisas. Lembro-me que o mapa que havia era de parede e quando fui fazer o exame da quarta classe a uma escola já oficial que era na Rua de São Miguel, era uma bola redonda. Era uma chatice, eu estava habituado a ver o mapa na parede. O mapa-mundo. Mas no exame aquilo era uma bola redonda, era totalmente diferente, mas lá fui aprendendo.

Eu fiz a quarta classe e admissão ao liceu com 10 anos. Depois fui para o liceu. Fui para o Dom Manuel II Estava bem preparado, mas com 10 anos eu queria era jogar à bola. Então fiz um curso de jogador de futebol. Entretanto a minha falecida madrinha tinha-lhe morrido o marido, voltou a casar. Do outro lado havia dois filhos que trabalhavam. Eu sentia que havia ali uma certa ciúmeira:

- "Ai então este não trabalha. Este estuda e tal. É doutor."

E depois dei o ano por faltas. Não foram só faltas de jogar à bola. Eram faltas de lápis, de caneta, e outras coisas que havia.

## **Temor a Deus**

Naquele tempo lembro-me que o padre do Hospital Santo António vinha pelas enfermarias fazer a visita aos doentes, dar a hóstia. E eu ajudava, mas mal fiz a Comunhão esqueci-me de ir à igreja. Continuo a ser católico, mas não sou praticante. Vou quando é necessário, quando há um casamento, um baptizado, quando há um funeral e infelizmente há muitos.

O Saramago diz que havia na bíblia o temor a Deus. Hoje a juventude não tem temor a Deus. Eu fui educado assim. Lembro-me que na preparação da Comunhão Solene, o padre batia-me com uma vara nas orelhas. Era o padre do Santíssimo Sacramento na Boavista. Se calhar eu precisava, mas doía mesmo.

A Comunhão naquela altura era uma Comunhão em que estávamos quietinhos. Aquilo era um castigo. Eu fui há uns sete ou oito anos atrás a uma Comunhão de um familiar. Aquilo era uma alegria, via-se um sorriso nas crianças. Naquele tempo não. Naquele tempo eram todos com uma cara de pau e rigidez que felizmente mudou. Fiz a Comunhão, e depois fugi um bocado da Igreja porque eu queria jogar à bola. Logo por azar eu morava numa casa na Rua São Dinis, defronte há um colégio de freiras que dá missa ao domingo de manhã. Eu queria fugir para outro lado, mas a minha tia não deixava.

### ***"Eu a dançar e a sacudir as moscas"***

Eu gostava muito de dançar, ainda me lembro que eu ia do Carvalhido, de onde eu morava até São Mamede a pé. Já homem com 16 anos, trabalhava e ia a pé. Só tinha 25 tostões para ir para o baile da festa no domingo. Os 25 tostões eram para dedicar uma música a uma menina para ir dançar com ela mas eu não sabia dançar. Depois vinha a pé outra vez para casa. Quando chegava a casa ouvia das novas porque já chegava tarde. O baile acabava às 19h aquilo era uma hora e tal de viagem chegava a casa fora da hora de comer. Ouvia sermões muito grandes, mas no domingo seguinte fazia a mesma coisa.

Eu quando ia para o liceu punha fixador no cabelo. A gente encostava-se atrás e marcávamos a cabeça na parede. Era o nosso carimbo do fixador. Depois não tinha dinheiro para o fixador e um dia qualquer pus água com açúcar no cabelo. E ficava porreiro. O pior era a dançar. Num baile ao ar livre com as moscas, era eu a dançar e a sacudir as moscas. É uma coisa incrível. Isso são cenas da vida marcantes. Ainda me lembro e isso é verdade também, de ter os sapatos rotos por baixo e eu ao dançar não levantava os pezinhos do chão. Eu muito limpinho com as calças passadas a ferro, até era eu que as passavas naquela altura para serem bem vincadinhas, mas não levantava os pés do chão. São as cenas que eu me lembro.

### ***"Lá inventei uma desculpa"***

O meu tio foi mauzinho para mim. Uma Páscoa chego a casa com uma gratificação do Sr. Artur Dias de Almeida. Naquele tempo, não era obrigatório, mas já dava gratificação na Páscoa e no Natal. E ainda por cima davam um envelope surpresa ao pessoal, àqueles que ele entendia.  
- "Este é para si."

E eu entregava tudo em casa. O meu tio era alfaiate e fui levar um fato a Gondomar. O cliente deu-me 25 tostões também de gorjeta. Era Domingo de Páscoa e eu tinha marcado com o namoro e com mais outro amigo meu irmos ao cinema. Fui para o café jogar bilhar, para o café Rio no Carvalhido que ainda existe. A hora de almoçar era às 13h, cheguei às 13h20.

- "Então?"

- Ai, ai, ai.

Quando pedi a minha mesada que era justo que me dessem que eu tinha entregue naquela altura acho que era 1 conto e 500 de gratificação. Naquele altura era muito dinheiro. Deram-me os 25 tostões da gorjeta. E eu fiquei ali assim a olhar. Havia um fontanário naquela rua agora António Enes. Na altura era Travessa dos Arcos até. Fiquei ali encostado quando vem esse meu amigo com as duas moças por ali abaixo lá inventei uma desculpa que fui não sei onde e que estava ali. Naquela tempo não havia telemóveis, felizmente, não o pude contactar e fomos dar um passeio a pé porque não havia outra hipótese, 25 tostões não dava para o cinema.

## Casamento

### ***"Desisti de me queixar"***

Sou casado felizmente. A minha esposa chama-se Maria Cristina Matos Oliveira e Coimbra. É enfermeira, mas nada tem a ver com a enfermeira que era a minha madrinha e tia. Eu estava com um bocadinho de tosse e ia dar alguma coisinha para o menino. Esta não.

- "Ai isso não é nada."

- Estou cheio de febre.

- "Não tens nada."

Meto o termómetro e nunca tenho febre. Desisti de me queixar.

## Descendência

### ***"Quando eram mais novinhas vinham ajudar"***

Tenho duas raparigas e tenho um netito da mais velha. Uma chama-se Raquel Cristina Oliveira Coimbra que é a mais velha. A outra é Patrícia Cândida Oliveira Coimbra. São as duas formadas, uma tem o curso de economia e de gestão, costuma dar aulas agora nas novas oportunidades, tanto uma como a outra. A outra é Ciência na Tradução e equiparadas ou uma coisa qualquer, mas está a fazer um mestrado em Psicologia do Ensino.



Quando eram mais novinhas vinham ajudar. Inicialmente tanto uma como a outra, mas depois começaram a baldar-se como se diz. Agora também não podem. A mais velha ainda ajudava, mas com o filho não pode. A mais nova não gosta. A minha mulher é que ainda me dá uma ajuda.

## Percurso profissional

### ***"Logo nos primeiros tempos levei um estalo"***

Com 11 anos comecei a trabalhar em Fernandes Tomás numa casa que se chamava Casa dos Bordados. Depois foi Casa dos Linhos que ainda hoje existe.

Estive lá dos 11 até aos 19. Portanto mal pago, explorado. Era assim naquele tempo. Eu lembro-me que tive uma lesão pulmonar aos 16 anos. E o patrão disse:

- "Convém descansar."

Mas quando precisou de mim:

- "Convinha já vires trabalhar."

E eu fui trabalhar. Já estava bom, mas não me pagava na mesma porque eu não vinha todo o tempo. Vinha num part-time, mas era mentira, eu estava num full-time. Lembro-me que na altura ganhava salvo erro 400 escudos e ele meteu lá um funcionário para me substituir que estava a ganhar 900.

O meu primeiro salário foi zero. Eu estive três meses sem ganhar um tostão. Era assim antigamente. E dizia o meu patrão.

- "No meu tempo ainda tínhamos que pagar."

Isso era quase como quando eu me queixava.

- Este embrulho é muito pesado.

- "Eu no meu tempo subia a rua de General Torres com um saco de carvão às costas."

Digo eu:

- Bem, de facto era pior.

Eu já queria sair de lá nessa altura. Já tinha os meus 17 anos talvez. Eu pensava:

- "Ei, vais falhar, vais isto, deixa-te lá estar."

Aguentei.

Essa casa fornecia os colégios de freiras. Aqui o Nossa Senhora do Rosário, Colégio da Paz, os colégios que havia aqui. Era curioso que tinha uma ordem que era importante. Não se podia olhar para as meninas naquela altura. Eu via as meninas lá nos balancés, mas eu sempre com os olhos no chão. Tinha que ser, era a técnica. Já fazia trabalhos que não eram para aquele vencimento.

Vendia muita coisa. Fazia montras mas sempre com críticas que a montra estava mal feita, mas no dia seguinte:

- "Ó Zé vai fazer a montra."

Na rua quando tinha um recado ou qualquer coisa andava sempre a ver e a aprender. E depois aí aos 19 anos é que dou o salto contra a vontade dos meus tios. Que naquele tempo era:

- "Ó senhor fulano se for preciso dar-lhe um estalo dê um estalo."

Isto eu tinha 11 anitos. E é verdade que eu logo nos primeiros tempos levei um estalo e fez-me bem. Ao outro meu colega mandaram-no embora e eu fiquei com o estalo e pronto. Tinha feito asneira grande na altura. Já não me lembro qual foi a asneira. A minha madrinha:

- "Ei, vê se te portas bem."

Aquelas coisas como era antigamente. Hoje é o inverso, se o patrão faz queixa do funcionário e está tramado.

## **"Pus o embrulho a fazer de baliza"**

Também era malandro às vezes. Eu ia aos colégios de freiras e um dia levava um embrulho qualquer. Já tinha para aí na altura 15 anitos. Pus o embrulho a fazer de baliza. Veio um polícia a quem os garotos daquela época chamavam Rosa Bêbedo. O homem era vermelhusco. Ele vem e eu fujo e deixo ficar o embrulho. Depois tive que convencer o Rosa. Conte a história e lá me mandou embora, mas quando cheguei ao trabalho diz-me assim o patrão:

- "Tanto tempo hoje."

- Ai senhor fulano, a irmã Purificação levou muito tempo a atender.

As tais mentiras que não são pecado.

- "Olha e como é que foi isso da polícia? Foste preso?"

Alguém lhe foi dizer que o Fernando tinha ido preso. Eu também fazia asneiras de facto.



José Coimbra no interior da Magic Moda Jovem (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

### **"A minha vingança pessoal"**

Na casa dos lavores forneciamos os colégios de Portugal inteiro. Era via telefone ou via postal. E havia um fio de pesca ou fio diferente, mas para tricô. Mandaram um colega meu à rua. O patrão naquela altura não gostava que os empregados subissem de estatuto e mandou o outro. Perdeu meia hora ou uma hora, chegou lá sem o produto para a tal encomenda que eles queriam.

- "Vai lá Zé, vai lá tu."

Vai o Zé que na altura era mais vivido. E onde é que eu vou? Venho à casa Artur Dias de Almeida.

- "Olhe não tem? Mas onde é que eu posso arranjar isto?"

Insisti.

- "Olhe você vai à Rua do Almada que é capaz de ter lá isso."

Lá fui. Em cinco minutos resolvi o problema, mas era malandro também.

Vim até à Ribeira ver o rio, dar um passeio.

- Senhor Abílio corri por tudo...

Era a minha vingança pessoal, mas cheguei lá com a encomenda, com o artigo.

Eu também era mauzinho quando me mandavam levar encomendas ao correio. Eu já tinha 16 ou 17 anos. Havia outros mais novos e a mim é que me queimavam para levar encomendas ao correio. Claro que eu ia ver os cinemas todos, ia ver os quadros ao Batalha, ao Águia Douro ao Coliseu, ao Olímpia. Via os cinemas todos, mas chegava com o serviço feito.

### **"Dei o salto"**

Aos 19 anos decidi e tinha que sair. Lá está, naquela altura os agentes de emprego eram os vendedores que andavam na rua. Esses é que conheciam o mercado. Sabiam que aquele era razoável, aquele era bom, aquele não sei que mais. Falei-lhe e ele disse-me:

- "Vais ali à Rua Trindade Coelho ao Artur Dias de Almeida. Vais a meu mando."

Ele já tinha falado em mim. Fui falar com o senhor Almeida, quanto é que ganha, quanto é que não ganha. Eu disse que ganhava 500 escudos. Deu-me 900 escudos. Naquela altura foi um salto muito bom. Contra a vontade dos meus tios.

- "Tu vais ver, tu estás tramado. Qualquer dia vens para a rua. Tu és um malandro."

Eu era malandro de facto. Dei o salto e foi a minha sorte. Já com aquela ameaça da minha família que eu ia falhar, crítica que foi positiva e motivadora.

Aquilo não era tudo ao monte e fé em Deus. Era uma casa com um movimento brutal. Eram quatro andares e era uma coisa muito competitiva. Os clientes eram muitos naquela altura. O balcão era comprido, um balcão enorme e aquilo não parava. Eu sei que no primeiro dia eu

queria sair à noite e não podia.

No segundo não podia. Mas tanto dei o máximo que passado um ano já estava com 1100 salvo erro, depois já estava com 1200. Tive a sorte que o gerente dessa firma que era o senhor Nelson se quis estabelecer e convidou-me para ir com ele. O Artur de Almeida ainda hoje digo foi um homem que é um exemplo do que deve ser um patrão. Ele chegava ao trabalho pegava no coração metia-o na gaveta. Não fumava um cigarro, não fumava à nossa frente. Às sete horas voltava a pôr o coração e já era espectacular. E isso foi uma escola para mim. Lá me despedi:

- Senhor fulano e tal, peço desculpa mas fulano assim-assim...

E ele diz-me assim:

- "Não conhece ninguém que queira vir para cá? "

- Eu conheço um colega meu lá na loja onde trabalhei.

Passado uns tempos, antes de chegar ao fim do mês, ele chama-me outra vez:

- "Olha ó senhor fulano, o seu colega como é que ele é?"

- É jeitoso, é bom.

- "E o senhor vai mesmo embora? Olhe o senhor não vai. Não vai porque eu perguntei ao senhor Nelson - que era o gerente. Ele falou comigo e perguntou-me se eu não me importava que o senhor fosse trabalhar com ele. Pois eu importo-me. O senhor não vai."

Eu fiquei a olhar para ele. Não exigi nada, só sei que me aumentou mais.

Também o factor sorte é importante nisto. E pronto, fui evoluindo, evoluindo até que enfim.

Tentei sair outra vez, mas ele não me deixou. Ele disse mesmo que eu caí no goto. Era um senhor de facto duro e viu-se que quando ele morreu que aquilo caiu completamente. Caiu porque os sobrinhos queriam era massa.

À terceira tentativa consigo sair, mas mal. Não devia ter saído, hoje reconheço.

Porque esta casa estava falida na altura e eu não sabia. Foi um filho do viajante da firma que me tinha convidado para tomar conta de uma loja. Eu acreditei e quando alguém me diz:

- "É pá aquela casa está assim-assim."

Eu já não tive coragem de dizer ao Artur de Almeida:

- Senhor fulano, eu fico.

Não sei se fiz bem, se fiz mal. Eu tinha-me despedido ao sócio dele.

- "Lamento que o senhor se tenha despedido aproveitando a minha ausência."

Depois vim para aqui. Tive muitas dificuldades na altura. Era inexperiente.

Sabia o que o cliente queria, tinha agilidade, era rápido porque vinha de um ritmo totalmente diferente, vinha com a ameaça que eu ia falhar, isso foi uma ajuda.

Eu às vezes digo que a pressão pode não ser destrutiva, mas construtiva.

- "Tu vais falhar".

E a pessoa vai dar o máximo. Se a pessoa é boa acomoda-se. Por acaso foi bom. E fui evoluindo.

### **"Abri outra casa"**

Aqui tive muitos altos e baixos. Houve um período em que isto começou a crescer mais um bocadinho e abri em Passos Manuel uma casa. Essa casa foi de facto um sucesso. Num ano paguei a passagem. Caí na loucura de ficar com uma segunda casa. Ouvei vários conselhos e:

- "É pá abre outra casa. "

E abri outra casa. Uma custou 15 mil contos e a outra de passagem 35 mil. E é na altura em que começa o comércio todo a vir ao contrário. Foi em 1995 mais ou menos. Nunca fiz nas duas lojas o que fazia só numa, mais pessoal, mais *stocks*. Voltei à base e pensei que isto ia recuperar facilmente, mas não é fácil. Isto mudou tudo. O cliente já não é fidelizado como era antigamente. Antigamente a gente fazia de um cliente um freguês. Hoje, eu às vezes já consigo fazer do tal cliente um freguês, mas é mais difícil. Sobretudo a juventude hoje com os grandes grupos, a Zara, que nunca me meteu medo. Quando fui para Santa Catarina foi na altura em que veio a Zara e não tive medo nenhum. Depois houve a crise, houve aquela recessão em 1995 e eu fui apanhado por ela.

## **Sonhos**

### **"O meu sonho era ser empregado de escritório"**

O meu sonho era ser empregado de escritório, mas não fui. Tinha um vizinho que era da Belarte e fazia umas escritas e eu ajudava, mas depois desabituei-me. Passei a gostar disto. Aliás eu sou ilusionista semi-profissional.

Também sou profissional, agora vou ao Algarve fazer dois dias a um congresso. O comércio também é a arte de persuasão no bom sentido. E o ilusionismo é igual. Cativar o cliente o *coup de foudre*<sup>1</sup> como dizem os franceses. Tem que se ser simpático, no palco é a mesma coisa. Embora eu entenda que aqui no comércio não somos tão bem recebidos quanto somos num palco. Num palco entramos batem logo palmas. Aqui entra o cliente, a gente sorri, cumprimenta e eles, às vezes, não nos ligam nenhuma. Não ligam, nem boa tarde nem bom dia e é preciso ter um estômago para aguentar. Eu às vezes digo assim:

- Mais valia ter aqui o meu cão.

Agora já não tenho, já morreu. Tinha 18 anos. Entravam, faziam logo uma festinha ao cão. A mim há pessoas que não me ligam. Digo boa tarde e nada. Eu insisto e nada.

1 - Amor à primeira vista

## Rua

### ***"Era uma rua fantástica"***

Eu fui trabalhar com 11 anos para Fernandes Tomás. Aqui nesta rua não tinha uma vivência muito grande até aos 19 anos. Passava e tal, mas não me lembro. Eu aproveitava quando vinha a um recado e vinha ver a rua um bocadinho, víamos a rua, o rio. Mais até a Trindade Coelho que é a rua mais acima.

Eu tenho 70, estou aqui há 46 anos já. Isto era totalmente diferente. Era uma rua com muito movimento. De facto era muita gente.

Esta rua era fantástica. Para mim era a zona do Porto que eu mais gostava porque tinha a Estação de São Bento que trazia muita gente para fazer compras no Porto. A estação de São Bento trazia um fluxo de pessoas que vinham de todos os lados. Com a evolução hoje já quase ninguém vem de Valongo ao Porto comprar. A moda hoje está em todo o lado. Antigamente as pessoas vinham ao Porto para fazer compras. Isto foi-se deteriorando. Começaram muitas casas a fechar. Havia os ajudantes de despachante que também tinham muita gente.

Havia a própria Alfândega que era uma fonte de clientes. E isso desapareceu tudo. Com esse desaparecimento o comércio ressentiu-se. Também é verdade que alguns de nós não nos actualizámos. Se calhar eu também não me actualizei ou não me pude actualizar.

Isto, a rua, não é de maneira nenhuma o que era. As pessoas também fugiram daqui. Quando se fez a obra pensei:

- Isto agora vai ser muito bom.

Sonhei sempre que isto ia ser como Bruxelas que tem aquelas ruas estreitinhas com movimento. E as ruas que fazem a circunvalação da praça têm um movimento brutal, mas não foi avante. Infelizmente a droga... Depois as escadas têm um cheiro nauseabundo. Não há higiene, não há limpeza e as pessoas fogem, têm medo. Quando vem um turista aqui eu mando-os sempre pela Rua de Souto a cima.

A rua tinha de facto um movimento muito grande. As pessoas foram daqui todas embora.

Estou-me a lembrar o senhor Ferreira e Soares aqui na rua que era um armazém com movimento de revenda e os de revenda também vinham ao retalho comprar. Viam uma novidade, o retalho fazia um descontozinho e também vendia. Portanto fazia concorrência aos armazenistas. Hoje não há nada disso.

Temos que fidelizar o cliente e estamos a tentar fidelizar o cliente, mas isto não é fácil.

Esta rua é uma saída e uma entrada da cidade. De melhor, tem prédios muito bonitos, mas estão degradados. Penso que esta rua foi de facto um potencial de comércio. Esta, a Rua de São João, mas mais esta. A outra era mais bacalhau, mercearias, armazéns disto e daquilo. Hoje está mudado

para bares, pronto. Aliás lá fora também é assim. Mas aqui esta rua só ficará valorizada com a parte de trás. Se não arranjam a parte de trás esta rua nunca mais sai do sítio.

O cliente que vem, como digo, é só o de fora. Hoje a grande mudança que há e a grande sorte que temos são as *low-cost*<sup>2</sup>. Neste momento é o turista de *low-cost*<sup>2</sup> e também o turista nacional. Vem aqui muita gente ao Porto, vão ver a Ribeira e essa gente que vem por vezes compra.

## Animação

### ***"Já foi uma coisa revolucionária naquela altura"***

Eu talvez fosse dos primeiros a pôr um táxi na rua aqui no Porto com publicidade. Agora já não se vê isso. Em cima do próprio táxi tinha uma tabuleta a dizer Magic. Depois fiz num autocarro também. Depois fiz de facto em mais revistas e pouco mais. Essa do autocarro andou bastante tempo e do táxi andou dois ou três anos que era uma coisa nova naquela altura. Eu vi isso não sei se foi em França e coloquei aqui. Os primeiros anos foram espectaculares. Depois enfim. Não há dinheiro para publicidade e quer dizer não justifica para mim neste caso. Se eu fizesse uma revolução aqui dentro como gostaria de fazer era capaz de já justificar. E depois outra coisa, tem que estar ligado à rua. Esta rua sofre de um problema terrível. Eu abro ao sábado de tarde, mas vem uma pessoa aqui à rua, quer tomar um café e não tem sítio para tomar um café. Não tem. Tem um ao fundo, mas nestes quarteirões aqui para cima não tem. Há uma série deles que fecham ao sábado. Quando há aqui aqueles domingos de Natal, Novembro e Dezembro abertos ao domingo as pessoas vêm aqui e não têm um sítio para se sentarem para tomarem um café, portanto fogem para outros sítios e isso faz muita falta aqui. Quando houvesse de facto uma ligação entre a restauração entre todos, isto era capaz. Neste momento é chover no molhado porque não há esse apoio que é importante.

O cliente vem, tento captá-lo com o atendimento. Felizmente já há muitos clientes que voltam. Tenho um cartaz a dizer: "Precisam-se clientes. Não é preciso experiência. Entrada imediata." Vou pôr em inglês também. Tiram fotografias e tudo. Muitos não entram, mas há outros que entram e dizem:

- "Olhe venho-me oferecer para o anúncio."

Dizem isso, acho piada. É uma maneira de tentar chamar. Uma solução para esta rua era as lojas entrarem em combate. Combate no bom sentido.

Que era: "Mais barato que o vizinho" e o outro: "Mais barato que o vizinho".

Tentar captar, fazer esse barulho. Acho que era importante fazer assim uma coisa desse género que mexesse. Fazer uma feira na rua por exemplo. Isto focava a rua. Publicidade só quando

houver uma mudança.

## **Propostas de melhoramento**

Há muito tempo que está para vir um projecto muito bonito com árvores, com estacionamento. Claro criando parques. A restauração aberta todo o dia, aberta aos domingos, aos sábados, mas rotativamente. Sobretudo a restauração é importante. E depois devia ter aqui uma loja do cidadão pequenina por exemplo.

Outro foco aqui de cliente é a Ordem de São Francisco, portanto as pessoas vêm fazer exames. Fazem o exame de manhã, depois têm que voltar à tarde e estão aqui e circulam. Portanto um laboratório de análises clínicas aqui na rua era capaz de ser uma coisa que dava. Eu vejo o movimento que tem a Lab Med ou a HE têm movimentos brutais e isso mexe muita gente. Mexem as confeitarias que estão por baixo, mexe tudo. Depois há outras coisas, infantários e não sei que mais.

A parte de trás se fosse bonita, limpinha, se calhar era um sítio que podia trazer muita gente. Mas quem é que vem para aqui? A gente chega ali e assusta-se. Quando vem algum turista aqui mando-os pela Rua de Souto acima.

- Não tenham medo, vão.

E não, não há perigo nenhum. Chegam mais depressa à Sé até e é mais bonito que ir pela aquela avenida acima. Os estrangeiros gostam da cidade. A gente fala com um estrangeiro, ficam encantados com a cidade. Suja, é verdade e tal, mas gostam da cidade. O Porto é acolhedor, é pequenino. E de facto a baixa está ligada muito com esta parte velha. Claro, também dizem e já há muitos anos havia o projecto de ligar São Bento a um centro comercial e uma escadaria que viesse dar cá em baixo. Eu não sou muito a favor do funicular por uma razão, é que as pessoas que vão no funicular não sobem a rua. Acho que prejudica.

O eléctrico se viesse para a rua era bom, mas com mais paragens. Tinha que ter pelo menos três paragens uma lá em baixo, duas paragens aqui na rua, se não a pessoa vai e desaparece. Há muita coisa, mas sobretudo pôr a rua mais bonita e os estabelecimentos mais bonitos, mais actuais. Este não está actual. Está dentro do possível.

Como animação para a rua eu ouvi falar no hip-hop e achei que é uma boa ideia. Exposições de quadros, acho que é uma boa ideia também. E outras animações, mas sobretudo essa do hip-hop acho que movimenta, acho que é atraente. Hoje uma pessoa às vezes quer expandir-se e não sabe como. Há muita coisa. A praceta aqui que é uma praceta bonita, se houvesse uma animação ali semanal com condições arrastava muita gente para aqui. Se houvesse aqui um encontro de folclore ou qualquer coisa, só a malta do folclore que vem, um ou dois ranchos já



movimentava para comprar qualquer coisa. E mexia a rua, o folclore dá vida. Isto há muita coisa.

### **"A animação devia ser todos os dias"**

A animação devia ser ao longo do ano. O Natal é todos os dias. E agora comercialmente não há Natal. Isto passou. Hoje as dificuldades são muitas e as pessoas já não são como antigamente. Acho que a animação não pode ser todos os dias, mas ao sábado. No verão com os turistas que andam aí é bom também fazer-se qualquer coisa.

A associação fazia uma coisa que eu achava mal. Entregavam flores aqui na rua. Mas entregavam flores e às vezes as pessoas iam buscar três, quatro rosas. Era mais simpático porem as flores na loja. Dois ramos ou qualquer coisa e o comerciante até na porta à passagem dava. Os custos eram mais baixos e faziam outra animação.

A única animação que eu vi aqui na rua e gostei foi uma feira de velharias que fizeram aqui no início da rua das Flores. Essa feira de velharias animou a rua porque ela esticou-se um bocadinho e as pessoas circulavam, vinham cá abaixo, movimentavam. É por isso que eu sou a favor da ideia da Rua das Flores de facto ficar sem trânsito automóvel só com o eléctrico. Isto vai circular tudo aqui à volta. Todo este espaço vai melhorar.

Eu tive aí um amigo meu espanhol de Valência queria investir aqui na zona, levei-o pela rua. Há uma viela ali que eu digo aos turistas que antigamente se namorava de um lado para o outro que é muito estreitinha. Está cheia de sacos sujos, de porcaria. Eu depois mandei-o ver Guimarães, Braga e quando veio diz:

- "Fernando a tua cidade és una mierda<sup>3</sup>."

Diz-me ele.

Eu vi Guimarães. Aquele centro está lindo. Aqui isto parou. Sei que o dinheiro não chega, mas havia outras hipóteses.

## **Loja**

### **Magic Moda Jovem**

Esta loja tem uma história. Quando vim para aqui há 46 anos isto chamava-se Fogueira das Meias. A rua é Rua Mouzinho da Silveira, 209, Porto. Fogueira das Meias porque naquela altura vendiam-se muitas meias. Como me dediquei mais, isto começou a crescer um bocadinho, e mudei a imagem, pus o nome Magic Moda Jovem.

Aliás durante muito tempo o saco de um lado dizia Fogueira das Meias do outro lado dizia Magic. A pouco e pouco fiz a transição e ficou Magic.

**3** - É uma merda

É uma loja que não é aquilo que eu queria neste momento, embora esteja a mudar. Foi direccionada para moda jovem, mas hoje as pessoas mais seniores gostam de se vestir como jovens. E vejo isso quando a gente mostra a uma senhora uma peça diz:

- "Não. Quero uma coisa mais jovem."



Fachada da loja quando ainda se chamava "Fogueira das Meias"

## O presente e o futuro

Gostava de fazer muitas mudanças. Eu se pudesse queria pôr a loja em linha, a direito e ficava um espaço aqui bonito. Porque estas construções são da Rua das Flores. Vem aqui ter um armazém qualquer da parte de trás. Em cima tinha confecção, agora está tudo a monte. Às vezes digo: - Vou fazer alguma coisa.

Não justifica. Infelizmente o nosso mercado de malhas ou confecção não tem hipótese. A não ser que se direccionasse para uma coisa específica, linha jovem para pessoas fortes. Esse nicho de mercado não está explorado.

## Cientes

### Cientes muito diferentes

Hoje é preciso fidelizar o cliente. Não é tão fidelizado como quando estava no Artur Dias de Almeida:

- "Só quero que aquele senhor me atenda. Ele sabe aquilo que eu quero."

Parece que já sabia o que a senhora queria. Hoje já não é tanto. Já tenho alguns, mas muito poucos fidelizados. Isso só se consegue não é enganando o cliente. Isto lá vai o tempo em que se enganava o cliente. Eu lembra-me:

- Olha esta aqui custa tanto e aquela custa tanto, mas esta é muito melhor do que aquela.

E às vezes nem era, mas eu queria vender era a outra. Isso dizia um padre:

- "Não é mentira mentir no comércio, desde que não seja para prejudicar ninguém."

E eu não prejudicava. Eu queria vender a que era melhor qualquer coisinha. Hoje nem isso faço, eu deixo a decisão sempre ao cliente que é importante. E então enganar homens é que não se deve enganar. Nunca, isso é ponto assente.

Um cliente chegar aqui e ele veste clássico e a gente diz assim:

- Fica mais jovem com esta peça.

E ele:

- "Ai não."

E ele chega a casa e a mulher diz assim:

- "É pá que roupa bonita que tu levaste."

Está a captar um cliente. Se a gente o veste e ele chega a casa e a mulher:

- "Só fazes asneiras."

É preciso ter cuidado com um homem. Não se deve enganar um homem, nem a senhora também.

E a fidelização só se consegue com confiança. Outra coisa que eu digo sempre. É bom quando o cliente reclama porque a gente pode meter água, que às vezes acontece, a malha pode vir com defeito ou uma coisa qualquer e o cliente diz:

- "Fui vigarizado".

Não. Era bom que o cliente reclamasse, isso dá-nos a hipótese de emendar o erro.

### ***"Este é maluco"***

Isto agora não é fazer uma crítica ao pessoal que eu também fui empregado e também tinha dias maus, mas um dia qualquer eu tinha a outra loja lá em cima e vim cá em baixo à loja e havia um cliente que queria uma camisola tamanho seis. Tinha levado uma em azul e queria uma em verde ou vermelho, agora já não me lembro exactamente qual era a cor. A funcionária foi ao lote e mostrou-lhe o tamanho quatro. E o cliente disse:

- "Menina, queria o tamanho seis que eu levei daqui uma ontem."

E eu ao telefone. É o tamanho seis e trouxe-lhe uma oito. E eu já não podia mais com aquilo pousei o telefone e disse:

- Minha senhora vai-me desculpar, a senhora quer-lhe dar o tamanho seis. Muito bem, a senhora vai por ali acima, sobe as escadas vai ao primeiro andar e mesmo em frente vai buscar a camisola. Está bem? Muito obrigado.

Ele começou a olhar para mim:

- "Este gajo é maluco."

Mas depois raciocinou e pôs-se a rir. A empregada foi lá em cima buscar e veio com a camisola que ele queria.

Muitas vezes a gente pensa que o cliente não vai comprar nada e compra.

Há clientes em que a gente não dá nada pelo cliente e compram. Cada qual é como é. Nunca se deve de antemão entrar vencido na luta.

Dizia a minha falecida mãe que não gostava de andar com uma vizinha dela que ia para as lojas só para desfazer as coisas. Passavam o tempo. Iam para o café, sentavam-se no café vinha o empregado:

- "Só um momentinho que estamos à espera de uma senhora que vem aí."

Estavam sentadinhas passado um bocado iam embora. A minha mãe já não podia sair com a senhora por causa disso. Mas descansavam ali. E aqui se calhar também aparecem muitas assim. Eu pronto já estou preparado para as deixar à vontade. De vez em quando, há clientes que não gostam, mas eu acho que se deve dizer ao cliente:

- Posso ajudar?

Só isso. Leve isto, leve, isso acabou, isso não pode ser. Isto é quase como quando se vai à pesca. Por acaso eu não sou pescador. Uma vez fui à pesca apanhei um peixe o gajo começou a mexer, deitei-o logo para o rio outra vez. Não dá para mim. Eu acho que se deve deixar. Visualizar o cliente sem o pressionar e então na altura:

- Olhe esse casaco quer vestir? Esteja à vontade. Se quiser.

Assim qualquer coisa do género. E portanto é como o pescador. Na altura própria lança e puxa o anzol. Pode vir, pode não vir o peixe. Deve ter-se educação com o cliente sempre sem pressioná-lo.

## ***"A malta é toda estrangeira"***

Infelizmente agora os clientes são estrangeiros. Até vou ver se tiro um curso de turismo, ando sempre para aprender inglês, nunca aprendo. Digo umas coisas e tal, mas sou desmazelado. Tiro boas notas quando ando nas aulas, mas quero ver se agora vou tirar outro curso de inglês. Aqui há muitos estrangeiros. Então se vier o mundial para aí, não sei se serei vivo nessa altura, mas

quando veio o europeu foram duas semanas fantásticas. Agora toda a malta fala inglês. Eu por acaso nasci noutra época era o francês. Não sou barra, mas desenrasco-me bem no francês. O inglês, alguns palavrões e tal, mas dou a volta.

## Avaliação

### **"Ar fresco"**

Isto é ar fresco que vem para a rua. Não é que me esteja a afogar, mas estamos em crise. A esperança é a última coisa a morrer. Agora acredito mesmo.

Quando a Associação dos Comerciantes fazia animações aqui na rua eu era já do contra sempre. Aquilo não era nada. Acho que as vossas ideias são de facto boas. Espero que não fiquem só nas ideias.

